

Drácula de Bram Stoker: Gênero, Sexualidade e Saúde Pública na Inglaterra Vitoriana.

Andrezza Christina Ferreira Rodrigues. *Drácula, um vampiro vitoriano: O Discurso Moderno no Romance de Bram Stoker* (PUC-SP – mestre em História Social).

Em *Dracula* (1897) a ciência e o conhecimento estão restritos ao domínio masculino; Van Helsing e Seward são os cientistas, Harker é corretor de imóveis, um homem de negócios, Holmwood administra os bens da família ao receber o título de seu pai – Lorde Godalming – e Quincey Morris é um explorador. Entre as mulheres, apenas Mina trabalha como professora, mas até casar-se com Harker, quando passa a dedicar-se exclusivamente a casa e em auxiliar a carreira do marido, utilizando suas habilidades como secretária. É interessante lembrar que nesse momento as carreiras científicas não possuíam mulheres – as poucas a se diplomar sofriam grande resistência por parte de seus colegas do sexo masculino; sabe-se que o papel das mulheres nas universidades só terá sucesso após a virada do século. O único papel destinado a uma moça virtuosa era o de dar suporte ao marido. Assim, as mulheres da obra são divididas entre a boa mulher – Mina e Lucy antes da vampirização – e a má mulher – as três vampiras do castelo do Conde e Lucy após a contaminação. Sem dúvida as personagens possuem não só uma participação relevante na trama como também revelam o trato com a mulher no século XIX, tanto em relação ao gênero como a sexualidade. A boa mulher ainda estaria relacionada com uma postura tradicional feminina, enquanto que a má mulher seria a personificação das questões modernas que se levantam em relação ao feminismo, pureza, saúde pública; estes perpassam ao sexo.

Nos séculos precedentes os códigos da obscenidade e do recato misturavam-se sem incômodo nem escândalo até que, como se alguém apagasse a luz, a sexualidade fora encarcerada pela máscara da decência. Seu espaço está delimitado ao quarto do casal com a função única de reproduzir, assim impõe-se como modelo, torna-se segredo. Às novas normas à compostura, resta encobrir-se, escondendo os corpos, varrendo dos discursos toda e qualquer menção a ela. Após centenas de anos de livre expressão, a repressão coincide com o desenvolvimento do capitalismo fazendo parte da ordem burguesa. Uma primeira explicação se desenha: o sexo seria incompatível com a exploração sistemática da força de trabalho; o trabalho poderia rivalizar com o sexo? Jamais. Porém, se este insiste em permanecer descoberto deve ser tratado como anormal. A odisséia do erotismo como se conhecia havia chegado ao fim.

Os caminhos do sexo e do amor eram, para os burgueses do século XIX, linhas paralelas. O amor corria para um caminho oposto ao do sexo, ou seja, para longe da luxúria. O amor

burguês constantemente apresentava-se sob o disfarce proposto pelas artes, em “sonhos incompreensíveis e em confissões involuntárias” (GAY:2000,31). Eficientes instituições serviam para orquestrar o ensejo à uniões apropriadas; em um momento em que a privacidade torna-se algo essencial e que as expressões públicas de afeto carregam a mácula da devassidão, o caminho encontrado para a manifestação do amor é aquele do sentimento profundo, puro e sincero.

Os burgueses “corretos”, quando procuravam uma esposa, precisavam estabelecer-se em uma profissão antes de se arriscarem a “fazer o pedido”. A instituição matrimonial era uma forma de fazer alianças entre os emergentes “clãs” burgueses, de firmar assim seu poder econômico, social e político. “Estar amando” não tinha qualquer relação com o desejo físico; o amor é sensual, mas plácido, uma paixão civilizada e confessa, formalizada. A sociedade burguesa aceita o amor abertamente, mas rejeita o sexo.

O que não se quer se isola. Como diz Foucault¹, a casa de saúde e a *casa de tolerância* – como o próprio nome já diz – serão os lugares disponíveis: a prostituta e seu cliente, o psiquiatra e sua histórica. Ali o sexo discretamente foi autorizado, sempre vinculado a um alto-preço. Fora desses lugares, o puritanismo moderno impôs-se pelo mutismo, inexistência e embargo. Porém, o que marca o sexo no século XIX é justamente o fato de se falar sobre ele como em nenhum outro século; o sexo foi estudado e medido e produziu-se uma literatura do sexo correto, medicalizado. Cria-se em seu entorno uma biologia da reprodução, esta caindo para um campo de outros poderes vindouros, como o medo do mal venéreo e deste para higiene.

A medicina, trabalhando em conjunto com os princípios religiosos da educação moral² forma, a partir da metade do século XIX, um plano de resposta às doenças que agem através da corrente sanguínea, começando com as classes mais pobres até chegar a outros estratos da sociedade. John Simon³ via a necessidade de manter a medicina próxima dos princípios sanitários, uma medicina preventiva, enquanto Chadwick insistia que a autoridade sanitária ficasse livre da administração médica. Divergências à parte ambos concordavam no ponto de partida para “limpar o sangue” da Inglaterra: a prostituição.

A partir da década de 1820, as forças armadas reportaram um incrível avanço das infecções venéreas nos soldados. Nas décadas de 1850 e 1860 a questão começava a ser debatida como uma guerra contra o crime, pois a imoralidade ganhou o *status* de “grande mal social” e quem a praticasse correria o risco de ser preso, enforcado ou levado à casa de saúde.

¹ Foucault, Michel. *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

² Educação moral pautada nos princípios religiosos anglicanos. A Igreja Anglicana é uma igreja cristã que adotou os princípios bíblicos da Reforma Protestante do Século XVI. Em seu lema procura não envelhecer, mas renovar-se continuamente, acompanhando o direito consuetudinário. O chefe supremo da Igreja Anglicana é o rei da Inglaterra.

³ Simon, John *English Sanitary Institutions Reviewed in the Course of Their Development and in Some of Their Political and Social Relations*, Londres, Cassel, 1890. Wellcome Library.

Não se pode dizer qual era o pior destino de todos e o *Westminister Review* publica um artigo sobre a questão na década de 1870 com o título “A Nova Caçada as Bruxas⁴”. Na década de 1850, o princípio sanitário será usado para justificar demandas de intervenção do Estado regulando doenças sexuais e imoralidade; o caso de prostitutas doentes ganhou peso tão grande quanto o combate ao tifo, fazendo com que o órgão sanitário inglês realizasse um senso entre as prostitutas, este contendo: dias de trabalho, quantidade de clientes, se eram casadas, tinham filhos... Também, submetendo as prostitutas a um exame periódico estabelecido por lei.

Em 1864 o Parlamento deliberou os primeiros três estatutos que regulamentavam a inspeção sanitária de prostitutas que trabalhavam em áreas militares. Os estatutos expandiram-se para a esfera do que se chamava de “prostitutas comuns⁵” que passaram a ser controladas em suas atividades pela polícia. As que sofriam de gonorréia ou sífilis deveriam ser internadas em um hospital por um período médio de nove meses. No caso de não recuperação deveriam ser levadas aos locais de internamento, providos pelos asilos. A oposição pública às regulamentações proibitivas da prostituição foram, na década de 1870, formadas especialmente pela classe-média feminista que denominou o tipo de tratamento aplicado às prostitutas como imoral e inconstitucional. A participação da classe-média feminista chocou a classe médico-sanitária, sendo vista como uma rebelião de causa incompreensível.

Os médicos formavam o grupo que mais apoiavam a nova legislação. Numericamente, médicos eram dominantes em elaboração de emendas parlamentares entre 1867 e 1881, empurrando a extensão da então legislação válida apenas em Londres para âmbito nacional, para um sistema eficaz de inspeção e detenção de prostitutas. Em 1867 uma reportagem do comitê do *Harveian Medical Society of London* chamou a atenção para que a lei de 1866 fosse aplicada não só em Londres, mas pelo menos nas demais grandes cidades do país. O entusiasmo formado por essa reportagem resultou na criação da Associação para Promoção da Extensão dos Autos às Doenças Contagiosas à População Civil⁶. Seus membros eram afiliados do partido Tory (conservador), clero anglicano e membros intelectuais do corpo médico. Seu *slogan* consistia em “Preces e lamentações não serão as arestas da deterioração da fibra nacional⁷”. Para manter a população masculina saudável e longe das prostitutas o segredo estaria em promover casamentos urgentes com moças de recato. Ocorriam casos, por exemplo, nos quais um homem infectado nas ruas por uma doença venérea, ao passá-la a sua esposa poderia recusar-se a admitir

⁴ *Westminister Review*, “The New Witches’ Hunt”. Londres: número 26, 1874.

⁵ Segundo Walkowitz é difícil definir o que seriam as prostitutas comuns, pois não se sabe ao certo se existiam outras formas de prostituição a não ser as ocorridas nas ruas e em casas de prostituição. Cf. Walkowitz, Judith R. *Prostitution and Victorian Society: Women, Class, and the State*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

⁶ Association for Promoting the Extension of the Contagious Diseases Acts to the Civilian Population.

⁷ “Prayer and lamentation would not be the arrests the deterioration of national fibre”. Em *A.P.E.C.D.A Books*, Londres, número 1, 1867. Wellcome Library.

que a fonte da contaminação familiar fosse ele. Geralmente este homem pediria legalmente o chamado *Termo de Contestação* este contendo um pedido de internação da esposa por traição e ameaça à saúde e bem estar da família, alegando que seria a esposa a infiel causadora da doença. O *Termo* precisaria de um parecer e assinatura de dois médicos e, caso o juiz aprovasse o pedido, a esposa seria trancafiada em um asilo. Para o homem era melhor padecer da vergonha de adultério à vergonha de assumir publicamente que estava contaminado por outros meios. A mudança então processada na segunda metade do século XIX foi a visão da prostituição como uma forma perigosa de atividade sexual e principalmente, a visão sobre a mulher como um ser vil à saúde, portanto, os limites das experiências femininas ligadas ao sexo deveriam ser controlados pelo Estado. A divisão entre a boa e má mulher dá-se pela sexualidade e dentro desta podemos observar que as ciências, campo dominado pelos homens, mostram-se incansáveis no trabalho de sanitizar o sangue humano através de normas de controle do sexo, livrando-o das doenças potencialmente epidêmicas. Neste momento evidencia-se a misoginia vitoriana apoiada em uma divisão de comportamento embasado pela medicina social. Como Harker observou a respeito das três mulheres vampiras do castelo do Conde, elas detêm uma mistura de volúpia e atração:

*Eu permaneci quieto, observando por sob minhas lentes em uma agonia de deliciosa antecipação. A pálida jovem avançou ficando onde eu podia sentir seu hálito sobre mim. Em um sentido, ele me parecia doce, como mel e transmitia aos nervos a mesma percussão de sua voz, mas com um amargo por detrás do doce, um ofensivo amargo que pode ser sentido no sangue*⁸

As mulheres também ocupam espaço significativo no imaginário, não apenas no período vitoriano, pois no folclore britânico elas aparecem ligadas ao sobrenatural, através da relação sangue/sexo. La Rocque e Teixeira⁹ também apontam que a divisão entre a boa e má mulher precede a era vitoriana, já atestada no *Maleus Maleficarum*, este dividindo-as em angelicais e diabólicas. Mas o grande alcance na Grã-Bretanha deste imaginário é devido a forte influência da cultura celta no folclore, apropriada, por sua vez, pela cristandade britânica.

As deusas celtas governavam a fertilidade, como os nascimentos e colheitas, também eram guerreiras e, algumas vezes, o fim dos conflitos dependiam de seus caprichos. Além das deusas, atribuíam-se poderes as mulheres mortais – magas, feiticeiras, e fastasmas. As lendas

⁸ “I lay quiet, looking out from under my eyelashes in an agony of delightful anticipation. The fair girl advanced and bent over me till I could feel the movement of her breath upon me. Sweet it was in one sense, honey-sweet, and sent the same tingling through the nerves as her voice, but with a bitter underlying the sweet, a bitter offensiveness, as one smells in blood”. (Stoker, Bram. *Dracula* Londres: Penguin, 1999. pág. 46).

⁹ Rocque, L.de L. e Teixeira, L.A. “Frankenstein, de Mary Shelley e Drácula, de Bram Stoker: Gênero e Ciência na Literatura” in *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. 8(1): 10-34, mar.-jun. 2001.

fazem com que possamos associar as três vampiras do castelo de Drácula às *fah-ri*¹⁰. Estas tomavam forma de mulheres muito belas, a pele pálida como marfim e, mesmo nas noites de verão, seu hálito e toque eram frios. Durante a noite dançavam sob o luar convidando os passantes a juntarem-se a elas; nenhum homem recusaria, pois elas possuíam poderes hipnóticos. Uma vez em seu abraço glacial o homem estaria condenado; ela sugaria seu sangue e seu corpo seria encontrado às margens da estrada. Podiam também tomar as feições da amada, para assim seduzir e matar. As características das três vampiras estão, portanto, ligadas a um passado tradicional, este voltado para o imaginário construído em torno da figura feminina no folclore bretão, porém seu comportamento contrário a moral vigente no período denota o elo com as modernas questões impostas pelo controle da sexualidade, principalmente a feminina. Já no que diz respeito às jovens inglesas Lucy e Mina, as características transitam entre o passado tradicional – pelo seu comportamento subserviente ao sexo masculino e, também, pelos aspectos da contaminação do vampiro que as ligam às três vampiras – às noções políticas e de saúde próprias da modernidade em que vivem – os sintomas do contágio pelo vampiro, transformação física e de comportamento, e necessidade de emancipação.

Lucy, antes uma jovem onde brilhava a decência, após o contato com vampiro apresenta uma grave mudança de comportamento:

E então ocorreu, de maneira insensível, a estranha mudança que eu havia notado durante a noite. Sua respiração tornou-se ofegante, a boca se abriu revelando a insólita retração das gengivas sem cor, o que tornava seus dentes mais longos e pontiagudos. Numa espécie de vaga e letárgica sonolência ela abriu os olhos, agora com um brilho duro e inexpressivo. Sua voz era leve e voluptuosa, como eu jamais ouvira soar em seus lábios antes.

- Arthur! Oh, meu amor! Como estou feliz por ter vindo! Beije-me meu amor! ...

*- Não! Não a beije por amor a sua vida! – disse ele [Van Helsing] – Não o faça pela salvação da sua e da alma dela!*¹¹

A jovem está notadamente sob influência da patologia transmitida pelo vampiro que alterou seu comportamento e características físicas. Lucy, ao ser infectada, começa a

¹⁰ Termo que significa “mulher espírito”, este aparecendo com maior frequência na Escócia. É conhecida como *baobhan sith*, *glàistig* ou *leanan sidhe* em outras regiões da Grã-Bretanha e como *les dames blanches* na França. Suas características foram imortalizadas, porém, pelo termo *fah-ri*, posteriormente *fairy* [fada].

¹¹ “And then insensibly there came the strange change which I had noticed in the night. Her breathing grew stertorous, the mouth opened, and the pale gums, drawn back, made the teeth look longer and sharper than ever. In a sort of sleep-waking, vague, unconscious way she opened her eyes, which were now dull and hard at once, and said in a soft, voluptuous voice, such as I had never heard from her lips, ‘Arthur! Oh, my love, I am so glad You have come! Kiss me!’ ‘Not on your life!’ he said, ‘not for your living soul and Hers!’” (Id-Ibidem, pág. 290)

compartilhar das características já notadas nas três vampiras. Parece que perdeu totalmente a consciência de sua vida pregressa, como se a doença fizesse com que ela fosse outra pessoa, perdendo os laços que a colocavam como a boa mulher. De certa maneira, Lucy divide-se em duas: a jovem burguesa, com todos os predicados e posturas aceitas pela sociedade vitoriana e a jovem promíscua, predadora, que espalha doença, representante da misoginia. Porém, esse comportamento duplo que a personagem exprime pode ser a personificação de um novo tipo de mulher que começava a aparecer no final do século XIX, que foi chamada pelos intelectuais de *New Woman*.

As *New Woman* pretendiam emancipar-se politicamente, financeiramente e até sexualmente. Essas seriam capazes de atos audazes como, por exemplo, tomar a frente e pedir um homem em casamento. Elas reivindicavam o direito de voto, o direito a herdarem e dirigirem riquezas e bens, poderem ocupar cargos que eram dominados por homens, entre outros. Stoker demonstra uma postura de repúdio à essa nova mulher, fazendo referências por vezes críticas quando observa Lucy e Mina fazendo uma refeição em Whitby: “Acredito que nós teríamos chocado as ‘Novas Mulheres’ com o nosso apetite¹²”. Em seguida mostra-se irônico em relação as ambições delas:

Algumas das escritoras das Novas Mulheres deveriam algum dia começar com a idéia de homens e mulheres verem-se dormindo antes de propor ou aceitar um pedido de casamento. Mas eu suponho que no futuro as Novas Mulheres não serão condescendentes em apenas aceitar o pedido. Elas próprias farão o pedido. E farão um belo trabalho, com certeza! Existe algum consolo nisso¹³

A partir da metade do século XIX o movimento pelos direitos da mulher ganha espaço nos debates parlamentares em várias estâncias, entre elas o sufrágio da mulher, acesso ao pedido de divórcio – antes apenas requerido pelo homem – e os direitos da mulher casada sobre os bens do marido proclamado pelo *Married Women’s Property Acts* de 1882. O movimento feminista desejava que as mulheres saíssem da sombra dos homens e deixassem de ter apenas a função de esposas e mães. As *New Woman* queriam, acima de tudo, acesso a educação, oportunidades para trabalhar e direito a união livre – não apenas ao casamento. As *New Woman* conquistaram muitos desses direitos apenas após a Primeira Guerra Mundial e, até o final do século XIX serão

¹² “I believe we should have shocked the ‘New Woman’ with our appetites.” (Id-Ibidem, pág. 96).

¹³ “Some of the ‘New Women’ writers will some day start an idea that men and women should be allowed to see each other asleep before proposing or accepting. But I suppose the ‘New Woman’ won’t condescend in future to accept. She will do the proposing herself. And a nice job she will make of it too! There’s some consolation in that”. (Id-Ibidem, pág 97).

vistas como agitadoras, desacreditadas pela sociedade. Senf¹⁴ ainda conecta as *New Woman* à Lucy e as três vampiras por serem predadoras sexuais e afirmando que a intenção seria ligá-las aos problemas sociais relacionados às prostitutas, pois as mulheres com impulsos feministas tornaram-se também alvo de preocupação social; as vampiras possuíam o ímpeto de iniciar uma relação com os homens antes de estes tomarem a iniciativa, também, por elas possuírem a característica de se alimentarem do sangue de crianças, preferindo destruí-las a cuidarem delas, ou seja, negligenciando a função sagrada da mulher. As *New Woman*, exigindo independência econômica, política e sexual eram vistas como ameaça a divisões convencionalmente sexualizadas entre os papéis domésticos e sociais¹⁵. Repudiar o movimento feminista era um ato de conservar uma política que envolvia questões de virtude, decência, comportamento social e pureza; manter a mulher afastada das esferas sociais dominadas exclusivamente pelos homens era fundamental para cultivar instituições como do casamento e da família vivas. Na fonte, os valores atribuídos a estas instituições são expressos através da personagem Mina. A relação de Mina com Harker é absolutamente pautada no estereótipo do amor vitoriano, também, ela é identificada como mãe de todos os heróis no combate ao vampiro e posteriormente torna-se mãe do pequeno Quincey Harker; portanto, Mina é o expoente do comportamento feminino tradicional.

Mina, quando atacada por Drácula, recusa a ter o mesmo destino de sua amiga; ao contrário de Lucy ela oferece resistência a sua vampirização. Adquirindo a “marca da contaminação” – a mancha vermelha em sua testa¹⁶, como um estigma, após a tentativa de Van Helsing de purificá-la com a hóstia – chega a pedir ao grupo que a mate caso não consigam curá-la. Através de Mina vislumbramos o que a sociedade espera de uma mulher, pois sua resistência marca a grande luta para manter a mulher em seus papéis tradicionais.

¹⁴ Senf, Carol A. *Dracula: Between Tradition and Modernism*. Nova Iorque: Twayne Publishers, 1998.

¹⁵ No afrouxamento dos códigos morais, estéticos e sexuais associados com a decadência do *fin-de-siècle*, surgia o espectro do homossexualismo, como narcísico, sensualmente indulgente e, dessa maneira tornando as feministas e os homossexuais duas faces da mesma moeda. Seriam assim o reverso do normal. Durante a década de 1880, a medicina cria uma categoria própria para os homossexuais, isolando-os das pessoas “normais”. Logo não foi surpresa que as mudanças de 1885 no código penal criminalizaram os homossexuais pela primeira vez na história e a publicidade acerca do caso de Oscar Wilde fizeram com que a sociedade fosse cada vez mais favorável as penalidades. Stoker, grande amigo de Wilde, afasta-se depois do escândalo envolvendo-o, pois temia ser associado ao grupo. *Dracula*, porém, evita tratar das questões relacionadas com os homossexuais, seu autor prefere focar-se nos problemas causados pelo feminismo inglês, onde detém uma postura favorável à mulher que se mantém subjugada ao marido.

¹⁶ A hóstia era vista, desde a idade Média, como um excelente preventivo a demônios, bruxas e mortos-vivos. Quando Van Helsing tenta purificá-la, sua pele queima, rejeitando o sagrado Corpo de Cristo. Não obstante, a marca nos liga a doença – algo muito mais moderno – e ao ser “marcada” significaria estar contaminada, como quando uma prostituta era tirada de circulação e sua casa e pertences eram manchados de vermelho, para poderem ser separados e assim evitar o contágio. Cf. Curran, Bob *Vampires: A Field Guide to the Creatures that Stalk the Night*. Lagos Franklin: New Page Books, 2005; Mort, Frank. *Dangerous Sexualities: Medico Moral Politics in England since 1830*. Londres: Routledge, 2000.

Durante a jornada do grupo para destruir o vampiro, Mina, ao se deparar com as três vampiras do castelo, é tomada por elas como “irmã”, mas ela não parece disposta a ceder aos efeitos de sua mudança; Van Helsing então observa: “O terror em seus belos olhos, a repulsa, o horror contou uma história cheia de esperança ao meu coração. Agradeço a Deus por ela não ser como elas¹⁷”. A jovem, que aos poucos mostrava os mesmos sintomas que mataram Lucy, aparece então como uma das figuras mais poderosas na trama. A aparente fragilidade de Mina como mulher assume, a partir do momento em que começa sua transformação, características sobrenaturais, apoderando-se da força mágica de Drácula.

Stoker joga novamente com os aspectos tradicionais da mulher presentes no imaginário britânico. Aqui os poderes que Mina desenvolve não são usados em favor do vampiro, mas contra ele. Ela então teria ligação com a deusa celta Brighid, a deusa mãe que regia todas as forças da natureza. O nome significa “luminosa” e foi incorporada ao cristianismo no ano de 450, passando a ser conhecida como Santa Bride de Knockbridge. É uma figura de extrema força no folclore, mantendo-se assim até os dias de hoje. No momento em que Drácula oferece a Mina um vislumbre de seus poderes ela mostra-se muito mais forte que ele, sendo a única pessoa na trama que poderia destruí-lo. No instante em que ela aparece subjugada ao vampiro é o momento em que surge a possibilidade de eliminá-lo, justamente por compartilharem dos mesmos poderes. Assim, quando Van Helsing preocupou-se em proteger Mina das três vampiras ela não se mostrou preocupada: “Quando ela riu, um riso baixo e irreal, e disse: - Medo por mim? Por que medo por mim? Ninguém no mundo está mais protegida delas do que eu¹⁸”.

Mina também detém características masculinas, estas são expressas na frase de Van Helsing: “Ah, esta maravilhosa senhora Mina! Ela tem o cérebro de um homem – um cérebro que um homem deveria ter se ele fosse muito talentoso – e o coração de uma mulher¹⁹”; e também no momento em que Mina e o grupo enfrentam o vampiro: “empunhei meu revólver pronta para usá-lo²⁰”. A jovem então mostra sua inteligência e sua força para o grupo de homens, e assim conecta-se parcialmente às mulheres que buscam sua emancipação; por outro lado estas características fazem dela um ser quase beatificado para o grupo, um exemplo de mulher. Ela utiliza sua força e inteligência em prol do grupo masculino da trama e, por possuir um coração de mulher, ela ainda encontra-se absolutamente ligada ao ideal da classe-média

¹⁷ “The terror in her sweet eyes, the repulsion, the horror, told a story to my heart that was all of hope. God be thanked she was not, yet of them” (Id-Ibidem, pág. 353)

¹⁸“Whereat she laughed, a laugh low and unreal, and said, ‘Fear for me! Why fear for me? None safer in all the world from them than I am’”. (Id-Ibidem, pág. 355)

¹⁹“Ah, this incredible Mrs. Mina! She has the brain of a Man – A brain of a talent man when the talent appears – and a Women’s heart!”. (Id-Ibidem, pág. 267)

²⁰“I got out my revolver ready to hand”. (Id-Ibidem, pág. 362)

burguesa vitoriana, ligada a família, a tradição. Van Helsing também sugere que a heroína da trama seja um exemplo de mulher a ser seguido:

Ela é uma mulher eleita por Deus, modelada por Suas próprias e milagrosas mãos para mostrar a nós homens e a outras mulheres que ainda existe um céu no qual podemos entrar e que Sua abençoada luz também pode nos guiar na Terra. Tão fiel, tão nobre e generosa e, permita-me que o diga, tantos predicados numa só pessoa é realmente demais para as ambições e o ceticismo da época em que vivemos²¹

Ao se referir as “ambições e o ceticismo”, Van Helsing expressa claramente desaprovação em relação as questões de emancipação da mulher; a descrença típica do século fazem com que a racionalidade dê margem a questionamentos a respeito de posições e posturas já há muito delimitadas, pois podemos observar através de Mina que as mulheres têm definidos papéis sociais no núcleo familiar, ao cuidarem da criação dos filhos e no suporte à carreira dos maridos. O espaço da mulher pode muito bem continuar a ser o mesmo sem ser considerado inferior, para isso temos o exemplo da heroína. Também, o fato do grupo combater o mal representado pelo vampiro, seguindo-o até seus domínios, significa salvar a jovem do futuro que está fadada, seja esse pela doença transmitida pelo vampiro ou pelas incertezas que se desenham através da emancipação feminina. O desejo de possuir direitos iguais aos dos homens põe-nas em uma função que não se pode ter real dimensão, já que seus papéis estão há muito demarcados, ou seja, aqui mostra-se, por parte dos personagens mais modernos da obra, a resistência ao novo, moderno. Fica então uma visão do caráter divino da mulher, que não pode ser negado tampouco desacreditado, este que remonta ao imaginário tradicional. Mina é, portanto, um conjunto de perfeição. É o que toda mulher deveria e deve ser. Por isso, Jonathan Harker termina o livro com a seguinte observação sobre sua esposa:

Algum dia este menino saberá admirar a corajosa e galante mulher que é sua mãe. Ele já conhece sua ternura e seu amor. Mais tarde compreenderá por que um punhado de homens excepcionais a amou tanto a ponto de se arriscar e tudo ousar por seu bem²²

²¹ “She is one of God’s women, fashioned by His own hand to show us men and other women that there is a heaven where we can enter, and that its light can be here on earth. So true, so sweet, so noble, so little an egoist, and that, let me tell you, is much in this age, so skeptical and selfish”. (Id-Ibidem, pág. 188)

²² “This boy will some day know what a brave and gallant woman his mother is. Already he knows her sweetness and loving care. Later on he will understand how some men so loved her, that they did dare much for her sake” (Id-Ibidem, pág. 444).

Bibliografia

A.P.E.C.D.A Books, Londres, número 1, 1867. Wellcome Library.

CURRAN, Bob *Vampires: A Field Guide to the Creatures that Stalk the Night*. Lagos Franklin: New Page Books, 2005.

DARMON, P. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DOBSON, Mary J. *Contours of Death and Disease in Early Modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____ *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____ *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2007.

HOBBSAWM, E. J. e Ranger, T. (org.) *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOBBSAWM, E.J. *A Era das Revoluções, 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____ *A Era do Capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____ *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003

KLINE, Salli J. *The Degeneration of Women: Bram Stoker's Dracula as Allegorical Criticism of the Fin de Siècle*. Londres: CMZ Verlag, 1992.

LECOUTEUX, Claude. *História dos Vampiros: Autópsia de um Mito*. São Paulo: Unesp, 2001.

MORT, Frank. *Dangerous Sexualities: Medico Moral Politics in England since 1830*. Londres: Routledge, 2000.

ROCQUE, L.de L. e TEIXEIRA, L.A. "Frankenstein, de Mary Shelley e Drácula, de Bram Stoker: Gênero e Ciência na Literatura" in *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. 8(1): 10-34, mar.-jun. 2001.

SCHIEBINGER, L. *Has Feminism Changed Science?* Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1997.

SENF, Carol A. "Dracula: Stoker's Response to the New Woman", *Victorian Studies* 26, 33-49, 1988.

_____ *Dracula: Between Tradition and Modernism*. Nova Iorque: Twayne Publishers, 1998.

SIMON, Jonh *English Sanitary Institutions Reviewed in the Course of Their Development and in Some of Their Political and Social Relations*, Londres, Cassel, 1890. Wellcome Library.

STOKER, Bram. *Dracula*. Londres: Penguin, 1999.

WALKOWITZ, Judith R. *Prostitution and Victorian Society: Women, Class, and the State*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Westminister Review, “The New Witches’ Hunt”. Londres: número 26, 1874.